

# UM POLÍGRAFO PORTUGUÊS

## O Prof. Vitorino Nemésio

FRANCISCO CASADO GOMES

Da Univ. do Rio Grande do Sul e da Pontifícia  
Univ. Católica do Rio Grande do Sul.

Há “um poeta português” que chegou ao Brasil — “aé-  
reamente transportado”, que voou (1) “sem mèdo exacto,  
aéreo”, (2) trazendo consigo “coisas tão simples como o so-  
nho” (3) e seu “coração fraternal” (4).

Veio, porque “alguém chamava do escuro” (5), chegou  
“semeado e lêvedo de coisas, (6) / sózinho e, no entanto,  
cheio de gente” (7), trazendo “nas faces floridas / os cravos  
da Ilha Terceira” (8), daquela ilha onde êle nasceu em 1908,  
nos fins do reinado de D. Carlos. Daquela ilha, onde teve por  
primeiros mestres de poesia os trovadores repentistas, e onde  
suas velhas parentas prepararam-lhe o gôsto pela ficção, con-  
tando-lhe histórias de santos e de princesas encantadas.

O poeta herdou de seu avô paterno, aquêle mestre mar-  
ceneiro que “parecia-me um par de França, / da história de  
Carlos Magno / que êle me contava em criança!” (9), o dom  
de imitar e de representar as coisas, o ouvido musical, a leve  
e graciosa ironia, a veia crítica, a indulgência no julgar, o  
gôsto de viver a observar o mundo.

Sua avó, Da. Rosinha, que era ‘neta de Pero Barcelos, /  
Piloto do Labrador” (10), foi quem lhe transmitiu, por cer-  
to, o gôsto pelo mar largo, e seu tio Luiz, que também lhe  
contava histórias, incutiu-lhe o respeito e interesse pela obra

de Fialho de Almeida; aliás, foi ainda na Ilha Terceira, quando rapazote, que se iniciou na devoção a Antero e Guerra Junqueiro.

Mas, é necessário ressaltar, ninguém sobre ele exerceu tão vasta e profunda influência quanto o seu querido pai. É a lembrança desse homem bom, que tinha barba de inglês (11), que informa o melhor do passado do poeta, e dá secreto sentimento ao que ele escreve. Aquêle homem, honesto e pobre, ensinou música ao filho e o acompanhou nos estudos.

Vitorino Nemésio fêz o liceu na Ilha do Faial, e já naquele tempo, em 1916, publicava em jornais, e lançava ao público sua primeira coletânea de versos. Quatro anos depois, estava em Lisboa, estudando e fazendo reportagens para "A Pátria".

Matriculou-se, em 1922, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde apenas recebeu o "capelo em saudades" (12), pois abandonou o estudo das leis, apesar de ter por professôres: Manuel Rodrigues e Oliveira Salazar, que lhe incutiram a disciplina lógica e um certo apêgo metódico ao que se deve saber.

Afastou-se do Direito para ingressar na Faculdade de Letras da mesma Universidade, onde ouviu as lições de Carolina Michaelis, Cardeal Cerejeira, Vergílio Correira e Eugênio de Castro.

Em Coimbra, fêz amizade com Manuel da Silva Gaio e trabalhou como revisor na Imprensa da Universidade, privando com Joaquim de Carvalho, homem de erudição e cultura, que lhe despertou o gôsto pela filosofia, e foi, para ele, uma espécie de mecenás, já que lhe publicou, em 1924, a primeira coleção de contos.

Estêve na Espanha, como integrante do Orfeão Acadêmico de Coimbra, e data dessa época o seu entusiasmo pelos pensadores espanhóis da geração de 1898, que muito o influenciaram, e a amizade com Unamuno e com Ortega y Gasset.

Completou o Curso de Letras, na Faculdade de Lisboa onde apresentou, como dissertação de doutoramento, o longo e documentado ensaio “A mocidade de Herculano”, acompanhado da edição crítica de “Scenas de um ano da minha vida” e “Apontamentos de Viagem” (de Herculano).

\* \* \*

O Dr. Nemésio Mendes Pinheiro da Silva Vitorino dedicou-se depois ao magistério e à publicação de novos poemas, de outros contos, de novelas, romances e a obras de crítica literária.

Como POETA (aliás, tôda a sua obra, mesmo que em prosa muito tem de poesia) já publicou:

“CANTO MATINAL” — a sua primeira coletânea de versos, que é de 1916, e foi o primeiro poeta português a apresentar-se com um livro de poesias redigidas em francês, a que intitulou: LA VOYELLE PROMISE”, editado em 1935. Três anos depois aparecia outra coletânea de sua lavra: “O BICHO HARMONIOSO”, e — em 1940 — lia-se “EU, COMO VIDO A OESTE”.

“FESTA REDONDA”, de 1950, é o seu livro mais fundamentalmente autobiográfico; nêle, o poeta confessa que seria capaz de trocar sua “borla de doutor” pelo pincel ou pela viola de um dos seus amigos ilhéus, mas... isto já não lhe é possível... e daí aquêle tom triste, nostálgico, que informa a sua “Festa”. Aliás, a saudade da sua querência não lhe rouba o bom humor, o tom brejeiro e levemente irônico com que encara a vida, e lhe anima a poesia, sempre delicada e espontânea.

Em “Festa Redonda” já se pode notar a presença de um drama que só seria resolvido anos mais tarde... Nela, o poeta deixa perceber que já sentia o apelo de Deus, mas ainda não o levava muito a sério, talvez por julgar ser apenas o efeito distante da educação religiosa, que recebera no lar, a surgição como decorrência da saudade da infância.

Em 1952, publicou “NEM TÔDA A NOITE — A VIDA”, coletânea de poesias onde já mostra perceber que “A mão de Deus desenha a verdade no escuro e a alma se fêz clara / como a lã cardada à neve” (13) e anota: “Quanto mudei / Do que fui não restava senão o pano encardido. Hoje me remongo e lavo” (...) “A brasa do remorso já não me cresta a carne”.

Apresenta-nos nesse livro: sonetos, xácaras, cantigas e os nove romances da Bahia, sentidos e escritos lá ao norte e onde confessa: “Estou triste, não sei que tenho... / Tenho a Bahia no sangue” (14). “Fui baiano uma manhã. (...) Viro pai-de-santo mesmo / no terreiro do luar” (15).

Finalmente, em 1955, surge o livro de crise, o que vai registrar a luta, em fase final, entre a recusa e a aceitação dos apelos de Deus à sua alma, o livro cheio de alegorias, onde o pão é a graça divina, a bondade de Deus — que o poeta vê e sente a agir, não só em si mesmo, como nas demais criaturas, a quem ele ama, justamente por serem criaturas. E a culpa é o sentimento amargo por ter vivido quase vinte anos longe do Pai.

“O PÃO E A CULPA” também exemplifica a luta entre o desejo de recordar o passado e o lembrar que no passado viveu afastado de Deus, e assim une a culpa à saudade dos seus, pelos quais, porém, quer chegar ao céu.

\* \* \*

“O MISTÉRIO DO PAÇO DO MILHAFRE”, publicado em 1924, é uma coletânea de CONTOS, de “Causos” ouvidos e recontados com naturalidade e emoção.

Em 1937 mandou editar “A CASA FECHADA”, coleção de NOVELAS, por entre as quais avulta a que dá o título à obra. É uma novela intensa, muito bem urdida, onde há verdade psicológica.

\* \* \*

Vitorino Nemésio desde 1926 também é arrolado por entre os novos ROMANCISTAS de Portugal, pois foi naquele ano

que apareceu “A VARANDA DE PILATOS”, romance anatolioano, de prosa ritmada, mescla de realismo e de novela de mocidade.

Dezoito anos depois, veio a falar sobre o ‘MAU TEMPO NO CANAL’, romance íntegro, intenso e sinfônico, que tem merecido os melhores elogios da crítica, e que foi comentado no “Dicionário das Literaturas Portuguêsa, Galega e Brasileira”, dirigido pelo Prof. Jacinto do Prado Coelho.

O romance conta-nos a história da destemida Margarida Clark Duhus que, numa das Ilhas dos Açores, em Horta, namora o Dr. João Garcia e que, afinal, casa com André, filho do Barão de Urzelina.

\* \* \*

Vitorino Nemésio também é professor, e — por isto — se dedica, igualmente, ao **ENSAIO**.

Neste setor, sua predileção recai na grande figura que foi “o último português velho”, em Alexandre Herculano, sobre o qual publicou, em 1932, a sua dissertação universitária e, em 1933, um estudo sobre a “FORMAÇÃO e PERFIL DE HERCULANO”. No ano seguinte, prefaciou e dirigiu a edição crítica de “SCENAS de um ANO DA MINHA VIDA” e completou êstes ensaios com “EXILADOS”, uma quase continuação de sua tese de doutoramento, onde historiou o que houve, em Portugal, “entre 1823 e 1832, e mais precisamente entre 1828 e o comêço do cérco do Pôrto”, época em que germinou “o Portugal contemporâneo”.

Em 1944, redigiu o prefácio de “EURICO” da edição da Livraria Bertrand, e preparou os prefácios para as “CARTAS INÉDITAS”, para as “CARTAS DISPERSAS”, para as “POESIAS” e para os “OPÚSCULOS” daquele prosador que, como Vitorino Nemésio, foi um verdadeiro poeta, e que sempre se distinguiu pela retidão e energia do caráter.

\* \* \*

Em 1932, falou na literatura “SOB OS SIGNOS DE AGORA”, e cinco anos depois estudou as “RELAÇÕES FRANCESAS do ROMANTISMO PORTUGUÊS”.

Datam de 1938 os seus “ÉTUDES PORTUGAIS”, coletânea de conferências que fêz em universidades da França.

O interessante ensaio intitulado “DESTINO DE GOMES LEAL”, merece relêvo; é de 1942; nêle se estuda, longamente, a figura daquele pobre grande poeta que, na velhice, “passa das tabernas para as igrejas”, depois de haver sofrido a forte influência “da fermentação política e social de Lisboa”; que se declarava um “enérgico plebeu”, e falava em “A traição” e que, depois de atacar “O herege” e “O renegado”, mencionava o “Anti-Cristo”.

Em 1943, Vitorino Nemésio escreveu o longo prefácio para os “Ensaios de Crítica”, de Moniz Barreto, o moço para quem “as idéias governam o mundo na carne dos homens, e esse governo atua em individualidades pessoais sujeitas a espaço, hereditariedade e tempo, individualidades que (...) se articulam em grandes categorias, individuadas também” (pág. XIII).

Outro ensaio — “BOCAGE — POESIAS VÁRIAS”, também é de 1943; nêle é estudada, em ótima síntese, a poesia do século pré-romântico e é feita uma douta dissertação sobre o poeta, cujas “visões e delírios são favorecidos por uma vida anormal, exacerbada por um caráter apaixonado e por uma imaginação fantástica” (pág. 38).

“ONDAS MÉDIAS”, “palestras escritas para o microfone da Emissora Nacional de Radiodifusão”, são de 1945.

Foram “feitas de impressões e de reminiscências, mais do que de juízos” (prefácio) e nos falam sobre as figuras mais salientes de toda a Literatura Portuguesa; iniciam por lembrar os velhos trovadores e chegam a estudar o “Só”, de Antônio Nobre.

Em 1947, colaborou na “Perspectiva da Literatura Portuguesa do séc. XIX” com um breve, mas interessante e douto ensaio sobre Almeida Garrett, aquela simpática figura de clássico e romântico, cujo estilo lembra, às vezes, o do próprio ensaísta.

Em 1949, o Prof. Nemésio fêz uma seleção e o comentário de “A POESIA DOS TROVADORES” que, segundo élle, se explica pelo “estado social e cultural da Europa dos fins do século XI: vivacidade inventiva dos povos meridionais; tradição dos poetas latinos que, como Ovídio, dispunham de uma sólida retórica ao serviço do amor e da natureza; o gôsto do luxo oriental espalhado no Mediterrâneo; o culto de Maria comunicado à vida mundana (pág. VII).

Os “Cadernos de Cultura”, do nosso Ministério de Educação e Saúde, publicaram, em 1952, o ensaio a que o Prof. Nemésio deu o título: “PORTUGAL e o BRASIL na HISTÓRIA” e que responde às perguntas: “Na vasta articulação das forças históricas agentes — universalizantes, unitivas — que inserção tem Portugal?, como se articula o Brasil? E (...) como funcionarão ambos no processo da história universal? (pág. 6).

De sua viagem a Minas Gerais nasceu, em 1954, “O SEGREDO de OURO PRETO” e do mesmo ano é “O CAMPO DE SÃO PAULO”; data de 1958 a coletânea de ensaios, intitulada “O RETRATO do SENADOR”.

\* \* \*

E existe ainda uma outra facêta nesta capacidade de polígrafo. Redigi, em 1936, a mui elogiada biografia de “ISABEL de ARAGÃO, rainha santa”, não posso deixar de lembrar a organização das antologias: “O NATAL PORTUGUÊS, que é de 1944, e “PORTUGAL (a terra e o homem)” — antologia do século XIX.

E não é tudo! O professor Nemésio ainda consegue tempo para colaborar em diários de Portugal e do Brasil, escrevendo sobre temas de literatura!

\* \* \*

Há, no prof. Nemésio, o permanente encontro entre o ilhéu humilde e o catedrático renomado, entre o poeta singelo e o crítico avisado, entre o magnífico estilista e o doutrinador de lúcida inteligência e grande senso crítico que ombreia, sem favor algum, com os bons poetas e os melhores românticos e ensaístas da atual geração de literatos lusitanos.

É um espírito criador que tem capacidade especulativa, poder judicativo e lúcida acuidade, servidos por uma grande perfeição formal, com o que consegue ter uma notável força estilística, que já foi muito elogiada por João Gaspar Simões.

É capaz de fazer poesia culta e de sentir a poesia popular, que sempre foi a sua preferida, já que sua alma melhor se expande na trova singela e ingênua, que lembra, com saudade, sua infância de ilhéu.

Digna de nota também é a sua capacidade de adaptação aos mais diversos ambientes e temos vários, mas sempre se inclina mais pelos que lhe lembram o povo, e aos quais enriquece com a cultura de catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, da qual é o diretor.

Lendo-se sua vasta obra, (citem 32 diferentes títulos e o rol bibliográfico não está completo), salta-nos aos olhos a clareza das imagens — naturais, sem artifícios, a elegância da frase sempre correta e a riqueza grande do vocabulário, às vezes um pouco rebuscado.

Nota-se bem a sua rica curiosidade intelectual e sente-se o espírito crítico que lhe dá originalidade na observação.

Mas, há um problema, ao menos para mim. É-me difícil dizer se aprecio mais o poeta que o ramancista, se aplaudo com maior entusiasmo o autor de contos ou o professor que assina os ensaios.

Felizmente êles vivem no aconchego dêsse “coração fraternal”, existem e convivem no cérebro esclarecido dêsse homem que disse:

“Tenho uma rosa tôda  
Aberta na minha mão,  
Só uma rosa. A roda  
Nem fôlhas nem espinhos dão” (16)  
“Ter uma rosa  
É muito” (...)

A rosa sem espinhos de sua polimorfa cultura, a rosa sem fôlhas sêcas de sua capacidade de ser poeta e crítico, de ser português por nascimento e quase brasileiro por afeto.

Aliás, lembro que já fêz “os possíveis de gringo / para ser brasileiro” (17) e que afirmou: “Isto de ser brasileiro é questão de começar” (18).

Haveria um maior número de “quase-brasileiros” se houvesse maior intercâmbio cultural, feito por pessoas e possibilidade por livros, se as nossas Universidades pudessem dispor de mais verbas para tanto.

Infelizmente a nova geração lusitana é bem pouco conhecida entre nós, já que os livros de Portugal aqui não chegam...

Esta é a razão de haver apresentado êste rol bibliográfico. Assim, ao menos, ficarão os nossos alunos sabendo da existência da obra vasta e interessante dêsse polígrafo português, que bem merece ser lido e meditado por nós que queremos e devemos ser “quase-portuguêses”. Nesse “quase” não deve haver a dor de Sá Carneiro, mas a alegria de poder conhecer e amar um povo irmão.

Se não conhecermos Portugal e sua cultura, e se os portuguêses não nos lerem, é que poderemos dizer com “dor sem fim”:

“Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim”, porque o Brasil não se conhecerá nem Portugal poderá rever-se em nós. Tudo teremos encetado e nada possuído...

N O T A S

1. — **Nem tôda a noite a vida** — pág. 153
2. — Ibidem — pág. 154
3. — Ibidem — pág. 16
4. — Ibidem — pág. 23
5. — Ibidem — pág. 27
6. — Ibidem — pág. 111
7. — Ibidem — pág. 82
8. — Ibidem — pág. 134
9. — **Festa Redonda** — pág. 130
10. — Ibidem — pág. 128
11. — Ibidem — pág. 135
12. — **Nem tôda a noite a vida** — pág. 146
13. — Ibidem — pág. 252
14. — Ibidem — pág. 160
15. — Ibidem — pág. 164
16. — Ibidem — pág. 40
17. — Ibidem — pág. 164
18. — Ibidem — pág. 166

P. Alegre, outubro de 1958.